

**DECRETO N.º 5489, DE 14 DE SETEMBRO DE 1978.****Denomina Maísa uma via pública do Município de Campinas.**

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969 — Lei Orgânica dos Municípios —,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas "RUA MAÍSA" as Ruas 5 do Parque Brasília e 24 do Jardim Boa Esperança, com início na divisa do loteamento do Parque Brasília e término na Rua Secundino de Lima Monteiro.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 14 de setembro de 1978.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas
DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos.

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 15.977, de 22 de junho de 1.978, em nome de Luiz R. B. Mott, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 14 de setembro de 1978.

DR. ALFREDO MAIA BONATO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



Maysa

"Nome artístico. Maysa. Nome verdadeiro, Maysa Figueira Monjardim. Data do nascimento, 6 de junho de 1936. Local de nascimento, Rio de Janeiro, GB". Dessa maneira precisa e formal foi Maysa identificada no IV Festival Internacional da Canção Popular, em 1969. O poeta Manuel Bandeira a definiu como "dois olhos e uma boca", acrescentando o pormenor relevante de que os dois olhos eram, na verdade, "dois olhos não pacíficos".

Não há contradição entre essas descrições; mas uma diferença absoluta de ponto de vista. Como, além desses dois modos de ver, há muitos outros. O melhor é deixar que Maysa se descreva a si mesma. Com a sinceridade que, esta, nunca ninguém lhe negou.

1960. 23 anos. Três de uma carreira agitada e tempestuosa. Noventa quilos. Da moçinha interna no Sacré Coeur de Marie, que comungava todos os dias, sabia a missa de cor, aos 18 anos deixou o colégio para ser mulher de André Matarazzo, resta a tremenda vocação para a música. "Ela fez sua primeira gravação aos 12 anos — Adeus — gravado em 1957 quando apareceu ao grande público pela primeira vez).

Entre 1961 e 1965: Argentina, Portugal, Paris, Nova York, Japão, Espanha. A atração no Olympia, dois anos no Blue Angel (Nova York), no Estoril. Tornou-se elegante, estava magra, fumava demais. — Dizem que o fumo faz perder a memória. Eu fumo tentando esquecer certas coisas.

Dois discos gravados na Itália, apresentação com Sacha Distel e Dino Rossi, a fama internacional.

De 1965 a 1969. Um longo período de ausência.

1969. Maysa chega ao Brasil alegre, risonha, cheia de projetos, com 64 quilos. (Tinha 58 antes de casar-se). "Continuo a mesma apenas agora encaro a vida com se-

reno otimismo. Mas tenho medos, o maior deles este pavor irremediável do público, sobretudo do paulista. Talvez porque foi lá que começou a minha carreira artística, quando não tinha a menor experiência somente vontade de cantar". Excursão pela América Latina. Em Buenos Aires a imprensa a considera "a cantora personalíssima que internacionalizou a bossa nova"; no Peru é a "a grande figura de Brasil: como Pelé, como o Corcovado, como o Carnaval". Mas se queixa da falta de contrato para cantar no Brasil, embora ache que "o carinho do público não lhe falta". Um dos planos: Vou voltar a viver na Espanha, talvez venha a fazer um filme de Visconti que usará como tema a minha própria vida. Mas o ponto alto do ano é o show do Canecão em que ela aparece alegre, esportivamente vestida, enquanto em off a voz de Manuel Bandeira recita o poema "Maysa".

1970. Maysa aparece na televisão, primeiro como jurada de cantores e compositores, no programa Flávio Cavalcanti, em seguida como jurada do grupo convidado a participar do julgamento simulado de Charles Manson. Não gostou da experiência. Tinha vontade de flamar — "Sem roteiro, um longa metragem onde eu procuro viver todas as emoções do momento e procurei transmiti-las, para conseguir isto irei ao impossível."

Feliz não estava, e dizia: "Nada mudou. As pessoas continuam a me agredir e eu continuo a me defender agressivamente. Canto porque sou angustiada. Acho que hoje em dia a gente não tem motivo para ser alegre".

1971. Numa entrevista, Maysa diz que sempre teve vontade de fazer novela em televisão, mas só se fosse "seriamente". É convidada para um papel em "O Cafona". Faz a personagem Simone, uma jovem recém-desquitada de um industrial paulista que vem para o Rio tentar um esquema diferente de vida. "A personagem tem muito de mim: afi-

nal nunca fui atriz e seria muito difícil criar uma caracterização. Há muito tempo eu tinha vontade de fazer teatro e estou achando sensacional trabalhar numa novela. Mas meu projeto mesmo é fazer vestibular de medicina".

No fim do ano, o teatro afinal. Faz o papel de Maria na peça "Moyzec", de Buchenar. Um personagem que desta vez, não repete sua vida, já que Maria é uma camponesa "naturalista, cheirando à terra". Mas Maria canta, e Maysa consegue, para sua surpresa, cantar num estilo que nunca fora o seu, e dois tons acima daquele a que estava habituada.

De 1971 a 1974, outro eclipse parcial.

1974. Um novo long-play, o 25º. Não estava mais "parada sozinha", porque Carlos Alberto, o maestro Lorenzo, da novela "Bravo", estava "parado com ela". Parada, aliás, não estava: depois da novela, do teatro, do show popular, voltara a cantar e a se sentir tranquila. Em sua vida particular, o espiritualismo adquirira grande peso.

1975. A cantora Maysa se restabelecera, no seu ambiente mais característico, o de boate. Na boate Igrejinha de São Paulo, por exemplo, acompanhada por piano, violão, contrabaixo e bateria, a crítica a aprovou quase unanimemente. "Aos 20 anos — disse um crítico — Maysa parecia ter 40; agora, seus 39 lhe caem como 20".

No repertório, a fossa inteira: Antônio Maria, Dolores Duran, Orestes Barbosa, mas também Tom Jobim e Vinícius. E ela própria: o "Ouça", "Meu Mundo Caiu", que o público exigia cada noite, e coisas novas como "Nós", feita de parceria com Júlio Medaglia. Como artista, já era possível definir Maysa: "Uma cantora de pé de ouvido, de quatro pares de dentes, que, das duas faces do amor prefere cantar a dor". E que o fazia muito bem.

A cantora Maysa (ex-Matarazzo), 40 anos, morreu ontem, às 18h10m, pouco antes de chegar ao Hospital Universitário Antônio Pedro, em Niterói: a Brasília que ela dirigia, placa RJ SJ-5505, bateu na décima parada de emergência da ponte Rio-Niterói e num cabo de aço, rodou e terminou na pista central.

O laudo inicial apontou como causa da morte afundamento do tórax, além de fratura do braço esquerdo: o banco dela foi projetado fora do carro e caiu no centro da pista Rio-Niterói. No carro de Maysa foram encontrados dois discos seus, dois de Frank Sinatra e dois de Chico Buarque de Hollanda.

Maysa Figueira Monjardim, seu nome de solteira, era filha de Alcebíades e Inah Monjardim, e tinha um filho, Jayme, de 19 anos, do seu casamento, com André Matarazzo. Quando morreu, ela vestia o que gostava: calça tipo Lee, blusa clara; e os cabelos estavam soltos.

As primeiras pessoas a chegar ao hospital de Niterói foram os pais de Maysa, logo foram avisados vários artistas amigos da cantora: Marisa Gata Mansa, Aloysio de Oliveira, Tom Jobim, Nana Caymmi, Maria Bethânia, Chico Buarque e o maestro Júlio Medaglia, entre outros.

Maysa foi a segunda pessoa a morrer de desastre na Ponte Rio-Niterói. A primeira, o Tenente-Coronel Médico da Polícia Militar, Romeu Marra da Silva, no dia 30 de outubro de 1974.

("O GLOBO" DE 23.01.1977)



DIÁRIO DA NOITE — Segunda-feira, 24 de janeiro de 1977

Maysa morreu

O desastre que matou Maysa Figueira Monjardim, às 18 horas de sábado, segundo o policial de trânsito que atendeu ao local, foi causado pela própria cantora. A artista viajava a 120 quilômetros por hora, e afirmaram seus conhecidos, há cinco dias não dormia.

Embora ainda respirava quando seu corpo foi retirado da Brasília licenciada em São Paulo, placas FJ-5505, ela estava virtualmente morta, afirmou o soldado que providenciou sua remoção para o Hospital Antonio Pedro, em Niterói. Ali chegou morta e do necrotério da cidade, o corpo foi transferido para a Capela Real Grandeza, sala cinco, onde foi velada até ser celebrada a missa em intenção de sua alma, pelo padre Joaquim Araujo.

Maysa no momento do acidente se dirigia para sua casa, em Maricá.

Um número incalculável de pessoas, inclusive centenas de populares humildes e anônimos compareceram à capela do Cemitério São João Batista, esperando pacientemente nas filas para ver a cantora pela última vez.

Alem das declarações do guarda, nada mais se sabe a respeito do acidente em caráter oficial, cujas verdadeiras causas só serão estabelecidas com a conclusão do exame da perícia.

O SEPULTAMENTO

Rio, (ANDA) — Com o comparecimento de mais de mil pessoas, foi sepultada às 13 horas e 30 minutos de hoje na sepultura 245, quadra 30, do Cemitério de São João Batista, no Jazigo Perpetuo de Manuel Silvino Monjardim (seu avô), a cantora Maysa Matarazzo, que faleceu ontem a tarde, em consequência de um acidente automobilístico na ponte Rio-Niterói.

Segundo declarações dos familiares, Maysa vivia ultimamente muito sozinha em Maricá, tendo sofrido antes, dois acidentes na ponte Rio-Niterói. Morava em Copacabana, em um apartamento de

cobertura. Pensava em vender o seu apartamento e morar exclusivamente em Maricá. Gravava especiais para a televisão sobre compositores antigos, sendo que o seu ultimo show apresentado há seis meses na Boate Igrejinha, em São Paulo.

— Pode existir coisa mais besta que ser feliz? — perguntou Maysa há oito anos atrás. E a besteira de ser feliz ela parece nunca ter alcançado nos seus 40 anos de vida tumultuada.

De uma família rica do Espirito Santo — os Monjardim — Maysa frequentou os melhores colégios, os mais finos ambientes, até conhecer, aos 15 anos, André Matarazzo, com quem se casou aos 17 e teve um filho, Jaime. Mas após alguns anos de casamento, ela trocou o sobrenome importante definitivamente pela carreira artística.

— Eu não conseguia dialogar com André. Ficava sentindo meu tempo se escoar, sem objetivo. Procurei algo para fazer: estudei piano, escrevi poesias, comecei a cantar.

Embora não abraçando de vez a profissão (seu primeiro cache foi doado a uma instituição de caridade, por imposição do marido), Maysa apareceu cantando em 57. Era a mulher dos sambas tristes e intelectualizados, dona dos olhos verdes que mereceram um poema de Manuel Bandeira, a gorda criadora de «Ouça» e «Meu Mundo Caiu».

Não apenas a musicalidade de Maysa atraía. Também a sua vida particular despertava curiosidade: afinal, tratava-se de uma das musas do samba-canção que realmente vivia, os dramas das letras que cantava. Quem quisesse conhecer o temperamento de Maysa deveria ouvir seus discos, invariavelmente repletos de tristeza e amargura. Para complementar, bastava abrir as revistas especializadas para ter notícia dos seus dramas: a bebida — companheira inseparável — as brigas; as tentativas de suicídio; as

idéias: «Eu engordava e bebia para agredir o público e a mim. Não gostava nem acreditava em mim mesma», disse ela em 71.

De 1961 a 68 permaneceu mais na Europa que no Brasil. Foi na Espanha que conheceu o industrial Miguel Azanza, a quem se uniu. Após a separação, a cantora contou: «Infelizmente, ele não me trouxe força, também se deixou envolver pela bebida. Eu precisava de ajuda e ele não pode me ajudar. Por minha própria vontade, me internei em quatro clínicas diferentes. Fiquei fazendo sonoterapia durante dois meses».

Após suas idas e vindas ao Exterior, às vezes ameaçando não mais voltar, Maysa finalmente estreou no Canecão do Rio. Foi a primeira vez — ela confessaria depois — que cumpriu uma temporada sem beber. Um sucesso que a trouxe para São Paulo, em 69. Mas já no ano seguinte, apesar da volta bem sucedida, a cantora tornaria a demonstrar insatisfação e não apenas com sua carreira:

— Nada mudou. As pessoas continuam a me agredir e eu continuo a me defender, agressivamente. Acho que hoje em dia a gente não tem motivo para ser alegre. Canto porque sou angustiada, mas não sou estudada: sou autêntica.

No começo do ano passado apresentou-se pela última vez em São Paulo, na boate Igrejinha. Alguns meses antes havia se separado do seu último marido, o ator Carlos Alberto.

A agitação de toda a sua vida, as tristezas, de tudo, no entanto, Maysa nunca se arrependeu. Pelo contrário, valorizou até o trágico fim todas as suas experiências. Há 14 meses atrás ela demonstrou isso, dizendo:

— Meu passado foi maravilhoso, apesar de tudo. Foi uma vitamina para minha vida. Teve uma importância tão grande que eu gostaria de nascer de novo hoje.



Morre Maysa

→ 220177

A cantora Maysa Menjardim morreu ontem, às 18 e 30, vítima de acidente automobilístico, na ponte Rio-Niterói. Maysa dirigia a sua Brasília pela ponte quando, nas proximidades do pedágio do Mocangê, o veículo se desgovernou, ao passar sobre um cabo de aço caído na pista, chocando-se contra a mureta de proteção. Com ferimentos graves, a cantora foi transportada para o hospital Antonio Pedro, morrendo minutos após dar entrada. Maysa voltava para a sua casa na praia de Maricá, onde gravou recentemente para a televisão a sua última apresentação. Deixa um filho do seu casamento com Andréa Matarazzo.

Maysa iniciou sua carreira na década de 50, na TV Record de São Paulo, apesar da oposição da família.



A cantora tinha 40 anos

O sucesso foi tanto que foi fundada uma gravadora — a RGE — para lançar as suas

músicas. Do seu primeiro LP a TV Record escolheu a música "Ouça", para prefixo de suas transmissões.

Afastada durante vários anos do Brasil e de sua música Maysa residiu em Madrid na década de 60. Voltando ao Brasil e reiniciando a sua carreira, Maysa afirmava que já não tinha muita inspiração para compor suas músicas — consideradas pela crítica como de excelente qualidade, mostrando um estado de espírito romanticamente melancólico, como em "Meu Mundo Caiu".

A sua última apresentação em São Paulo foi na boate "Igrejinha", no segundo semestre do ano passado, quando entre outras músicas cantou, com sucesso, a "Cantiga de Choros nº 10", de Villa Lobos.